

A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO TRABALHO PARA A SAÚDE NA PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Emanuele Batistela dos Santos¹
Lorena Barbosa Fonseca²
Monize Marques de Almeida³
Thaynan Nascimento Souza⁴
Tarsis de Mattos Maia⁵

Resumo: O presente artigo tem como objetivo descrever a experiência da aplicação de oficinas de educação sexual desenvolvidas no período de novembro a dezembro de 2014, com adolescentes do sexto ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Cuiabá/MT, pelo Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso. As oficinas foram realizadas a fim de criar um espaço para promover o conhecimento, discussão e reflexão acerca de temas relacionados à sexualidade, com o intuito de favorecer uma percepção ampliada sobre o tema, livre de preconceitos e fomentar a autonomia e responsabilidade dos jovens no que diz respeito à saúde sexual. Priorizou-se a utilização de dinâmicas e atividades lúdicas para favorecer a aprendizagem significativa e aplicou-se, ao início e final do período um questionário para identificar possíveis mudanças nas respostas dos adolescentes a respeito dos temas tratados. As oficinas criaram um ambiente propício à aprendizagem e troca de ideias, permitindo que os estudantes pudessem tirar suas dúvidas e realizar discussões em grupo. Percebeu-se ainda, ao final das atividades, uma melhoria no nível de conhecimento dos participantes a respeito do tema. Conclusão: As atividades realizadas junto à este público contribuíram para uma mudança de perspectiva a respeito de algumas questões relacionadas à sexualidade no grupo estudado e, consequentemente, para a promoção de sua saúde sexual.

Palavras Chave: Adolescente, Promoção da saúde; Sexualidade; Educação sexual

Introdução

A adolescência, definida como um período de crescimento e desenvolvimento humano que ocorre após a infância e antes da fase adulta, abrangendo a idade dos 10 aos 19 anos, caracteriza-se por muitas mudanças biológicas e sociais (WHO, 2005).

¹ Universidade Federal de Mato Grosso

² Universidade Federal de Mato Grosso

³ Universidade Federal de Mato Grosso

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso

⁵ Universidade Federal de Mato Grosso

A sexualidade corresponde a um dos elementos que constituem o desenvolvimento integral do indivíduo (ROMERO et al., 2007), revelando-se através de uma série de manifestações, tais como a imagem corporal e a descoberta de si e do outro como objeto de desejo e amor (DOMINGUES e ALVARENGA, 1997). Mesmo diante da complexidade relacionada à tal conceito, estudos demonstraram que, por vezes, os adolescentes entendem a sexualidade relacionada somente ao ato sexual (FREITAS E DIAS, 2010; MACEDO et al., 2013). Aliado a isso, o início da atividade sexual tem ocorrido cada vez mais cedo nesta população. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2015 demonstrou que 27,5% dos escolares investigados já tiveram relação sexual pelo menos uma vez na vida e destes, aproximadamente 39% informou não ter usado preservativo em sua última relação sexual (BRASIL 2016). Em outro estudo de base nacional realizado entre 2013 e 2014 com adolescentes de 12 a 17 anos, o início da vida sexual foi relatado por 28,1% dos participantes e entre estes, aproximadamente 18% não utilizou método contraceptivo em sua última relação sexual (BORGES et al., 2016).

Desta forma, a análise do perfil de morbidade dos jovens tem revelado a presença de doenças sexualmente transmissíveis (DST) além de problemas relacionados à gravidez, parto e puerpério (UNAIDS, 2004; UNFPA, 2013). Estes últimos representam as causas relacionadas a 70 mil mortes de adolescentes por ano em países em desenvolvimento (UNFPA, 2013).

Diante disso, a escola caracteriza-se como um espaço de extrema importância para o enfrentamento dos desafios relacionados a esta faixa etária, uma vez que a convivência entre os estudantes neste ambiente possibilita diferentes aprendizagens, que permitem a vivência com outras culturas e experiências relacionadas à diversos aspectos, inclusive a sexualidade (AQUINO e MARTELLI, 2012).

Segundo Guimarães e Witter (2007) os conteúdos aprendidos sobre orientação sexual no contexto escolar podem ser realmente absorvidos de maneira eficaz. A própria Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar demonstrou entre os anos de 2009 e 2015 uma queda de 3% no número de adolescentes do nono ano que referiram já ter experimentado uma relação sexual (BRASIL, 2009; BRASIL, 2016), evidenciando a relevância das atividades de orientação sexual realizadas no ambiente escolar.

Tão importante quanto o cenário de desenvolvimento de atividades de orientação sexual, é a seleção de metodologias adequadas para trabalhar os temas relacionados à sexualidade junto

à esta população, a fim de propiciar a auto-reflexão. Nesta perspectiva, as oficinas, como espaço para construção compartilhada do conhecimento permitem auto-reflexão e representam um ponto inicial que deve ser complementado pela família, escola e políticas sociais com foco nos jovens para a busca da autonomia do sujeito frente à sexualidade (JEOLÁS e FERRARI, 2003).

Com base nestas informações, o objetivo deste trabalho foi descrever a experiência da aplicação de oficinas de educação sexual com estudantes do sexto ano de uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Cuiabá-MT.

Metodologia

Trata-se de um relato de oficinas de educação sexual desenvolvidas no período compreendido entre os meses de novembro e dezembro de 2014, com adolescentes do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Cuiabá/MT, pelo Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

O PET-Saúde foi um programa lançado pelos Ministérios da Saúde e da Educação, cujo desenvolvimento das atividades se deu por meio das Secretarias Municipais e/ou Estaduais de Saúde, conjuntamente com as instituições de Ensino Superior, de acordo com as necessidades dos serviços de saúde e dos usuários, caracterizando a busca pela integração ensino-serviço-comunidade. Este teve como pressuposto a iniciação ao trabalho aos discentes dos cursos de graduação e de pós-graduação na área da saúde, bem como a qualificação em serviço dos profissionais de saúde, por meio do fomento de grupos tutoriais em áreas estratégicas para o Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2010).

Considerando que a produção do conhecimento e da pesquisa no contexto do programa deveria se dar a partir das necessidades do SUS, o grupo PET-Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso realizou um diagnóstico situacional na Estratégia Saúde da Família (ESF) cadastrada no PET-Saúde como cenário de prática de uma das equipes do programa, a fim de obter informações que subsidiassem a condução das ações. Durante este período, identificou-se como desafio, juntamente com a equipe de saúde, a alta prevalência de gravidez na adolescência na área de abrangência da ESF. Assim, optou-se por realizar um trabalho local direcionado aos adolescentes, com o intuito de contribuir para uma atenção integral à saúde desta população.

A escolha da escola justificou-se por esta fazer parte da área de abrangência da referida ESF. Portanto, a atuação junto aos adolescentes desta escola caracterizou-se como uma ação desenvolvida em benefício de uma parcela dos usuários assistidos pela ESF em questão. Foram incluídos nas atividades adolescentes de ambos os gêneros matriculados no sexto ano do Ensino Fundamental, cujos pais assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. A fim de obter um diagnóstico situacional e direcionar os conteúdos a serem desenvolvidos nas oficinas realizou-se um levantamento, por meio de questionário estruturado e autoaplicável, baseado em outros estudos (CANÇADO, 2007; GERHARDT et al., 2008; BRETAS et al., 2009a; OLIVEIRA et al., 2009; CAMPANER, 2012). O questionário continha informações sociodemográficas (sexo, idade, estado civil, religião e escolaridade materna e paterna) e relativas ao conhecimento prévio dos participantes quanto à sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis (DST) (aspectos biológicos dos sistemas genitais feminino e masculino, conceito de fecundação, tipos, formas de prevenção e fontes de informação sobre prevenção das DST). Este momento foi referenciado ao longo do trabalho como “primeira etapa”. Posteriormente ao desenvolvimento das oficinas, o instrumento foi reaplicado, a fim de identificar possíveis mudanças nas respostas dos adolescentes a respeito dos temas tratados, momento denominado “segunda etapa”. Utilizou-se o *software Epi Info* versão 7.1.4, para a tabulação e análise dos dados.

Foram realizadas 4 oficinas de educação sexual com duração média de 2 horas cada, cujos instrumentos norteadores foram o Manual do Multiplicador Adolescente (BRASIL, 2000) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do sexto ao nono ano (volume: Temas Transversais – Orientação Sexual) (BRASIL, 1998). As atividades foram conduzidas por monitores bolsistas dos cursos de nutrição, medicina e serviço social, um enfermeiro (preceptor) e um tutor, do curso de Nutrição. Priorizou-se a utilização de dinâmicas e atividades lúdicas com o intuito de favorecer o aprendizado e a integração entre os participantes.

A primeira oficina abordou o tema sexualidade, buscando identificar o conhecimento prévio e as principais dúvidas acerca do tema, bem como estimulando a busca pelo conhecimento sobre sexualidade, no sentido mais amplo, considerando valores e não apenas práticas sexuais. Já a segunda oficina teve o objetivo de promover maior conhecimento sobre corpo humano, em especial do sistema genital, objetivando a compreensão da sexualidade na esfera biológica. As duas últimas oficinas buscaram estimular o conhecimento dos adolescentes

sobre as DST e AIDS, de maneira a fomentar o entendimento sobre a importância da sua prevenção e tratamento.

Todos os adolescentes que participaram das atividades apresentaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável. Este trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Julio Muller (HUJM), sob o parecer nº 869.613.

Resultados e discussão

As oficinas foram realizadas no período de novembro a dezembro de 2014 e contaram com a participação de 23 adolescentes do sexto ano do Ensino Fundamental. A maioria dos participantes das oficinas era do sexo masculino (69,57%) e a média de idade entre os participantes foi de aproximadamente 12 anos. Os resultados referentes às características sociodemográficas podem ser observados na **TABELA 1**.

Segundo Almeida e Centa (2009) a família, independentemente de sua estrutura, constitui-se como um espaço essencial para a garantia da sobrevivência e da proteção integral de seus membros. Desta forma, a literatura aponta a importância do papel não só da escola, mas também da família na educação sexual de adolescentes, uma vez que este envolvimento contribui para que o indivíduo possa esclarecer suas dúvidas e vivenciar sua sexualidade de maneira responsável (GONÇALVES et al., 2013). Neste sentido, a escolaridade dos pais parece se relacionar ao processo de diálogo sobre o tema em questão, de maneira que a maior escolaridade, além de garantir maior conhecimento quanto à sexualidade, métodos de prevenção de DST e gravidez, constitui-se como um fator relacionado à maior facilidade de diálogo (BARBOSA et al., 2008).

Todas as oficinas realizadas contaram com atividades lúdicas e métodos que priorizavam o adolescente como sujeito ativo na construção do conhecimento, proporcionando uma aprendizagem significativa (BERBEL, 1998). Ao longo das atividades, foi disponibilizada na sala de aula, uma caixa na qual os adolescentes poderiam depositar suas dúvidas, que foram posteriormente esclarecidas ou tiveram conteúdo reforçado durante a realização dos encontros seguintes.

TABELA 1. Caracterização sociodemográfica de adolescentes de uma escola pública municipal e de seus familiares. Cuiabá, 2014. n=23.

Variável	n	%
Gênero		
Masculino	16	69,57
Feminino	7	30,43
Estado civil		
Solteiro	22	95,65
Casado	00	0,00
Separado	00	0,00
União estável	01	4,35
Viúvo	00	0,00
Religião		
Católica	09	39,13
Espírita	00	0,00
Evangélica	05	21,74
Outra	09	39,13
Escolaridade do pai		
Ensino fundamental incompleto	04	17,39
Ensino fundamental completo	00	0,00
Ensino médio incompleto	00	0,00
Ensino médio completo	04	17,39
Ensino superior incompleto	00	0,00
Ensino superior completo	03	13,04
Não sei	12	52,17
Escolaridade da mãe		
Ensino fundamental incompleto	02	8,70
Ensino fundamental completo	01	4,35
Ensino médio incompleto	04	17,39
Ensino médio completo	04	17,39
Ensino superior incompleto	00	0,00
Ensino superior completo	03	13,04

Não sei

09

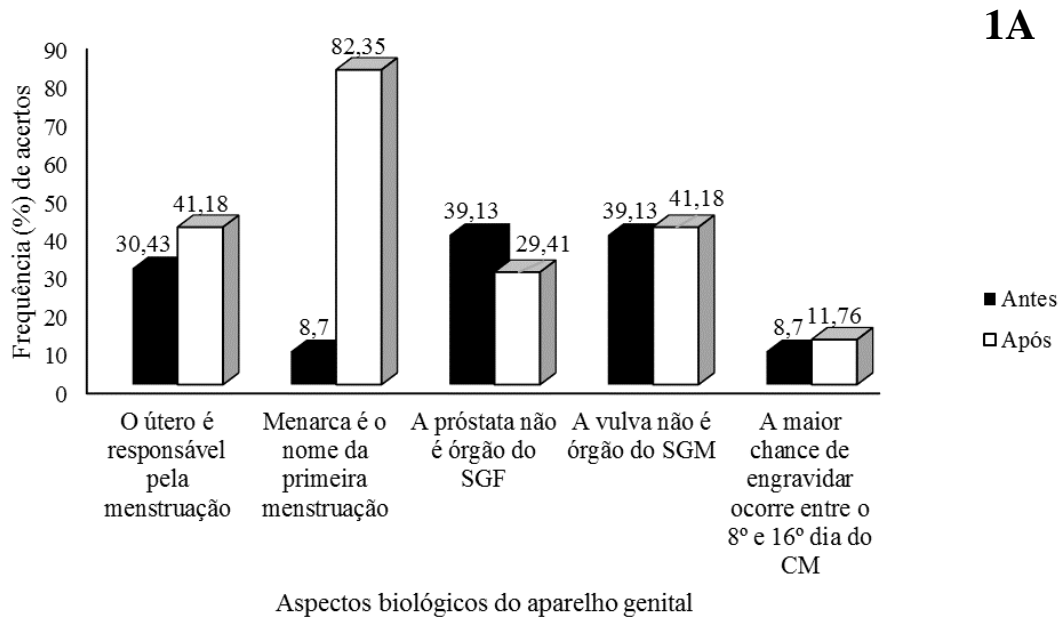
39,13

Na primeira oficina, os objetivos foram conhecer as principais dúvidas que os adolescentes tinham em relação à sexualidade e criar um espaço para reflexão sobre o tema, realizando uma explanação que considerou o sentido amplo do conceito, que envolveu aspectos para além da relação sexual (BRASIL, 1998). Para o seu desenvolvimento, utilizou-se uma dinâmica prevista no Manual do Multiplicador Adolescente, denominada “A visita do ET”, na qual os adolescentes foram divididos em grupos para registrar seus principais questionamentos sobre o tema, permitindo a identificação de aspectos que deveriam ser abordados em próximas oficinas e a reflexão sobre as barreiras que existiam para discussões que envolvem a sexualidade (BRASIL, 2000). De acordo com Figueiró (2007), sexualidade inclui a afetividade, o carinho, o prazer, o amor, o sentimento mútuo de querer bem, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Apesar do tema “sexualidade” ter sido trabalhado neste estudo em consonância com a descrição proposta por Figueiró (2007), observou-se que, na segunda etapa, houve aumento dos adolescentes que ligaram a sexualidade apenas ao aspecto biológico (43,48% antes e 70,59% depois das oficinas). Este resultado pode ser explicado, pelo menos em parte, pelo fato da oficina sobre sexualidade ter precedido outras oficinas cujo enfoque foram os aspectos biológicos.

A segunda oficina teve por objetivo promover o conhecimento sobre o corpo, especialmente sobre os sistemas genitais masculino e o feminino. Para isso, os facilitadores utilizaram *kits* educativos e réplicas dos sistemas genitais para discutir o tema, permitindo que os próprios estudantes manuseassem os materiais e assim, pudessem aumentar sua compreensão sobre os aspectos biológicos relacionados à sexualidade. Ao final da atividade, realizou-se um bingo, com os conceitos tratados durante a oficina.

A **FIGURA 1A** demonstra o conhecimento dos adolescentes quanto aos aspectos anatômicos e fisiológicos dos sistemas genitais feminino e masculino antes e após o desenvolvimento das oficinas educativas. Assim, observou-se que, para a maioria das perguntas houve aumento no número de respostas corretas ao final da atividade, excetuando-se apenas o questionamento acerca da próstata não fazer parte do sistema genital feminino (39,13% antes e 29,41% depois).

FIGURA 1A. Conhecimento de adolescentes sobre os aspectos biológicos dos sistemas genitais feminino e masculino. Cuiabá-MT, 2014.



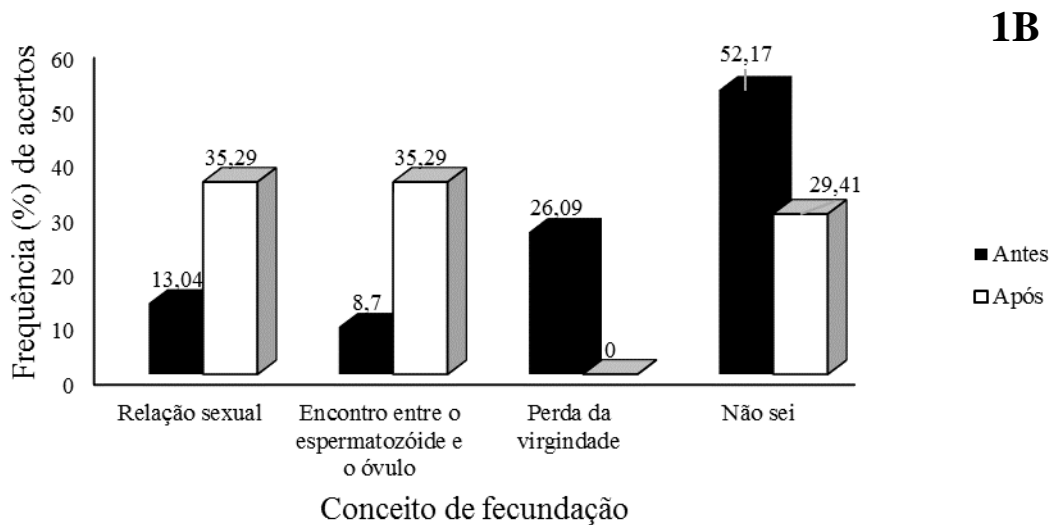
SGF: sistema genital feminino; SGM: sistema genital masculino; CM: ciclo menstrual.

Corroborando estes resultados, Faustini et al. (2003), que avaliou o ganho de conhecimento de adolescentes após um programa de orientação desenvolvido em um Centro de Saúde Escola no município de Santo Amaro, demonstrou que, tanto os conhecimentos ligados ao sistema genital feminino quanto ao masculino, apresentaram porcentagens de respostas corretas significativamente maiores ao final do programa. Apesar disso, a literatura demonstra que os adolescentes parecem apresentar maior conhecimento em relação aos órgãos externos dos sistemas genitais masculino e feminino. Martins et al. (2014), observaram em seu estudo que os adolescentes, independentemente do sexo, apresentaram alto nível de desconhecimento em relação aos órgãos internos dos sistemas genitais, tendo citado com maior frequência os órgãos externos, principalmente do sistema genital masculino. Os autores atribuíram este achado ao tipo de informação relacionada à sexualidade rotineiramente veiculada aos adolescentes, referente ao uso de preservativos para prevenção de DST e portanto, com foco

nos órgãos externos masculinos. Esta observação vem ao encontro das informações obtidas nas oficinas, uma vez que foi verificado um maior nível de desconhecimento por parte dos adolescentes quando a pergunta envolveu o órgão “próstata”.

A **FIGURA 1B** apresenta as respostas dos adolescentes quanto ao conhecimento sobre o conceito de fecundação.

FIGURA 1B. Conhecimento de adolescentes sobre o conceito de fecundação. Cuiabá-MT, 2014.



Antes do desenvolvimento da atividade, a maioria dos adolescentes demonstrou desconhecimento em relação ao tema (52,1%). Já na segunda etapa, apesar do aumento no percentual de respostas corretas (encontro do espermatozoide com o óvulo – 35,29%) e uma consequente diminuição do número de respostas “não sei” (29,41%), ainda neste momento, uma parcela igual de adolescentes (35,29%) respondeu de maneira errônea a esta pergunta. Apesar da fragilidade em relação ao conhecimento sobre fecundação também ter sido relatada em outro estudo (CAMARGO e FERRARI, 2009), resultado oposto foi encontrado no trabalho de Martins et al. (2014), no qual a maior parte dos estudantes respondeu de maneira correta a esta pergunta. Os autores discutiram que este resultado pode ser explicado pelos moldes nos quais as atividades de educação sexual ainda são desenvolvidas, abordando apenas os aspectos científicos de início da vida, durante as aulas (MARTINS et al., 2014).

De maneira geral, percebeu-se um aumento importante de respostas corretas após a realização das oficinas, principalmente daqueles itens relacionados à anatomia do sistema

genital. Do ponto de vista funcional do sistema genital (ciclo menstrual e fecundação), este aumento foi comparativamente menor, porém igualmente importante, visto a complexidade do tema e a necessidade de aquisição de conceitos prévios para seu entendimento.

Na terceira e na quarta oficinas os estudantes foram incentivados a refletir sobre o autocuidado com o corpo e sua saúde reprodutiva e sexual. Assim, no terceiro encontro, os facilitadores realizaram uma roda de conversa sendo introduzida a temática do autocuidado no que se refere a aquisição e utilização dos métodos contraceptivos e de prevenção contra AIDS e outras DST. O objetivo foi discutir a percepção do grupo sobre as responsabilidades na adoção de uma vida sexual ativa, desmistificar preconceitos e discutir situações de vulnerabilidades dentro dos relacionamentos casuais ou não, que influenciam no uso dos métodos preventivos e contraceptivos. Também foram utilizados *kits* educativos que continham os métodos para prevenção das DST, e reforçados os sinais e sintomas das diferentes doenças, de maneira que os adolescentes puderam tirar dúvidas sobre a importância e forma correta de utilização, enquanto medida preventiva e de autocuidado com o corpo e com a saúde.

Dentro da perspectiva das vulnerabilidades em adolescentes mulheres, em especial de uma gravidez na adolescência, Bajos et al. (2002) *apud* Alves e Brandão (2009) argumentam que tais acontecimentos podem ser determinados, entre outros fatores, pela frágil internalização das normas contraceptivas, da própria dificuldade de negociação entre gêneros frente à dominação masculina; e as representações sobre sexualidade no que se refere ao sexo como algo espontâneo e o primado do prazer masculino. Alves e Brandão (2009) encontraram também dentre as questões de vulnerabilidade quanto ao uso de método contraceptivo, a adoção de lógicas baseadas na “confiança” no parceiro, em relações ocasionais ou não, o que também interfere na adoção de medidas de autocuidado.

Já na quarta oficina, os facilitadores levaram para sala de aula alguns materiais de apoio, dividiram a turma em grupos e acompanharam a construção de cartazes pelos próprios adolescentes, que continham informações sobre DST, tais como sintomas, formas de transmissão e medidas de prevenção. Ao término da elaboração dos cartazes, cada grupo apresentou as informações sobre uma DST, utilizando como apoio o material construído. Durante esta oficina, os estudantes participaram também de uma atividade lúdica que teve como objetivo demonstrar a importância da utilização dos métodos que evitam a transmissão das DST.

A **TABELA 2** mostra que, na primeira etapa, a maioria conhecia apenas o HIV/AIDS, enquanto na segunda foram citadas outras DST, destacando-se o conhecimento da sífilis, a mais citada dentre as demais doenças (58,82%). Resultado semelhante foi encontrado no trabalho de Camargo e Ferrari (2009), no qual a maioria dos participantes apresentou conhecimento sobre outras DST além do HIV/AIDS após as oficinas educativas.

Logo, este achado pode demonstrar que as oficinas criaram a oportunidade para que estes jovens adquirissem conhecimento acerca de outras DST, além da popular HIV/ AIDS.

TABELA 2. Conhecimento das DST e suas formas de prevenção entre adolescentes de uma escola pública. Cuiabá-MT, 2014.

DST	Frequência (%) de adolescentes que conhecem a DST	
	1º Etapa	2º Etapa
Sífilis	00,00	58,82
Cancro mole	00,00	11,76
Condiloma	08,70	05,88
Gonorréia	04,35	47,05
Tricomoniase	08,70	11,76
Candidíase	00,00	05,88
Vaginose	08,75	11,76
HIV/Aids	43,48	47,05
Outras	00,00	00,00
Formas de transmissão		
Pela relação sexual	69,57	70,58
Da mãe para o filho, no parto	00,00	11,76
Contato com a ferida	00,00	05,88
Transfusão de sangue contaminado	00,00	17,64

Pelo beijo/saliva	04,35	00,00
No abraço ou aperto de mão	04,35	00,00
Ao sentar no mesmo lugar ou vaso sanitário	00,00	00,00
Pelo uso de drogas injetáveis com compartilhamento de seringas	00,00	17,64

Quanto às formas de transmissão das DST, na primeira etapa, a maioria (69,57%) mencionou a relação sexual desprotegida, porém registrou-se também um pequeno percentual que mencionou a transmissão através do “beijo/saliva” e “abraço ou aperto de mão” (4,35% para ambas as opções). Destaca-se porém, na segunda etapa, a observação de formas de transmissão não citadas antes das oficinas, como por exemplo, a “transfusão de sangue contaminado” (17,64%), a “utilização de drogas injetáveis com compartilhamento de seringas” (17,64%), “da mãe para o filho, durante o parto” (11,76%) e o “contato com feridas” (5,88%). Em paralelo, após as oficinas, “beijo/saliva” e “abraço ou aperto de mão” não foram citadas como possíveis formas de transmissão, mostrando que as oficinas contribuíram para a desmistificação de algumas ideias relacionadas às DST.

Estudo realizado por Bretas et al. (2009b), no período de 2003 a 2005 com adolescentes de escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio evidenciou que, em relação ao conhecimento sobre HIV, a transmissão via compartilhamento de seringas contaminadas foi a mais citada entre os participantes do sexo feminino e a segunda mais citada entre os participantes do sexo masculino.

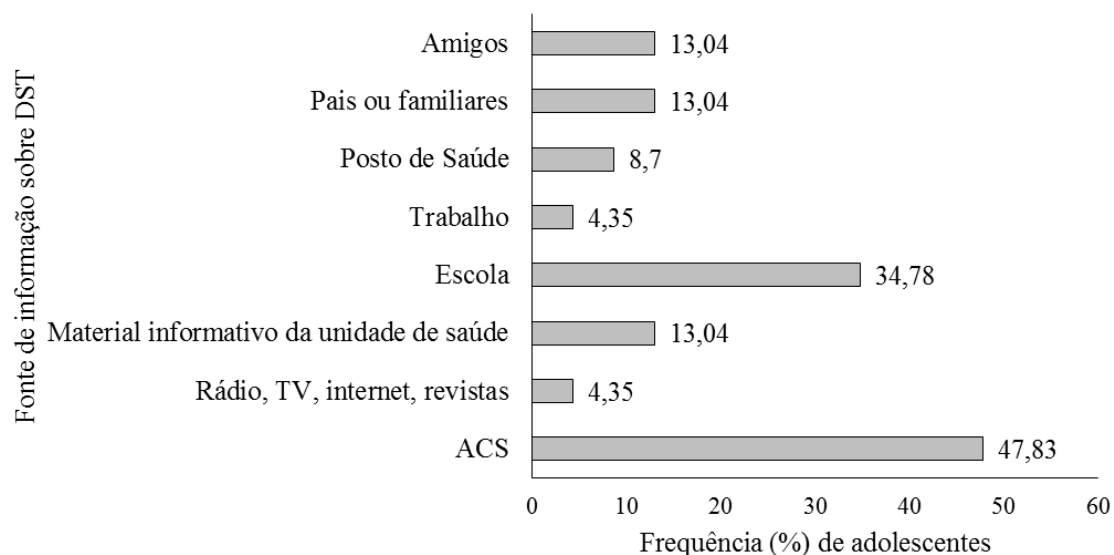
Quando questionados sobre “quem pode pegar DST” na primeira etapa, apenas 52,39% relacionaram estas doenças à relação sexual desprotegida (sem camisinha). Chamou a atenção o alto percentual de adolescentes que referiram desconhecimento em relação à esta questão (38,10%). Já na segunda etapa, o número de acertos subiu para 76,47%, demonstrando que a participação nas oficinas desmistificou a percepção dos jovens quanto a este aspecto.

Em relação à prevenção das DST e AIDS, observou-se um aumento no número de participantes que mencionaram a utilização da camisinha durante as relações sexuais, de 56,52% antes para 82,35% depois das oficinas educativas. No entanto, é preocupante o fato de, mesmo após terem participado de oficinas educativas sobre DST /AIDS, 11,76% dos

adolescentes ainda terem afirmado não conhecer formas de evitar as doenças. Estudo de Carleto et al. (2010), realizado com adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio, em Cuiabá, demonstrou que a maioria dos jovens entrevistados também citou como forma de prevenção das DST o uso do preservativo. Porém, o trabalho trouxe um dado alarmante em relação a esta temática, pois nele constatou-se que mais de 50% dos meninos e meninas entrevistados consideravam pequeno o seu próprio risco de adquirir uma DST, além do fato de estes jovens terem apresentado pouco conhecimento sobre as formas de transmissão destas doenças. Desta forma, os autores destacam a vulnerabilidade a que estes jovens podem estar expostos, pois, o desconhecimento sobre as formas de transmissão das DST está ligado à sua conduta no que diz respeito à prevenção (CARLETO et al., 2010), ou seja, o desconhecimento pode levar à relações sexuais desprotegidas e possível contaminação, comportamento que pode ser reforçado considerando a ideia que estes apresentaram de estarem praticamente livre de riscos.

A fonte pela qual estes jovens recebem informações acerca de sexualidade e DST também merece atenção. O **GRÁFICO 1** apresenta os resultados relacionados à fonte de informação sobre métodos de prevenção de DST e gravidez para os adolescentes.

GRÁFICO 1. Distribuição dos adolescentes de uma escola pública em relação à fonte de informação sobre prevenção de DST e gravidez. Cuiabá-MT, 2014.



Destaca-se a importância do papel exercido pelo agente comunitário de saúde (ACS) e pela escola, uma vez que, respectivamente, 47,83% e 34,78% dos adolescentes relataram ter recebido informações sobre o tema a partir destas fontes. Estudo de Carleto et al. (2010) realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio de escolas estaduais em Cuiabá-MT, demonstrou que, entre os meninos, as fontes de informação sobre sexo, DST e AIDS mais frequentes foram os amigos, a televisão e a mãe e entre as meninas, foram a mãe, os amigos e a escola.

Cabe ressaltar que, tão importante quanto a fonte de informação à qual estes jovens estão expostos, é a contextualização dos conceitos trabalhados, de acordo com a realidade vivenciada pelos adolescentes. Estudo de Marola et al. (2011) comparou o grau de conhecimento sobre sexualidade entre adolescentes que participavam de atividades formais de educação para sexualidade, em uma Organização Não Governamental (ONG), com ações voltadas para educação sexual (grupo que os autores denominaram “Educação Formal”), outros que participavam de atividades de uma ONG voltada para a promoção social (grupo denominado “Educação Não Formal”) e adolescentes que recebiam informações sobre sexualidade apenas durante as aulas (grupo denominado “Educação Informal”). Os resultados encontrados pelos autores demonstraram que nenhum dos grupos obteve porcentagem de acertos relacionados aos conceitos levantados, acima de 50%.

As informações descritas neste estudo permitem, portanto, reconhecer a importância de atividades de promoção da saúde no ambiente escolar, inclusive aquelas relacionadas à saúde sexual, pois estas contribuirão para a apropriação de conhecimentos relacionados ao tema sexualidade, bem como para a desmistificação de alguns conceitos relacionados ao tema.

Conclusão

As oficinas contribuíram para a melhoria do conhecimento do grupo estudado sobre outras DST além da AIDS e sobre formas de transmissão destas doenças. Entretanto, a percepção apresentada pela maioria dos estudantes em relação à sexualidade ainda esteve ligada apenas ao aspecto biológico. Neste estudo, procurou-se trabalhar a sexualidade em um contexto amplo, embora algumas oficinas tenham focado os aspectos biológicos, o que pode justificar o resultado encontrado. Reforça-se a necessidade do desenvolvimento de programas de atenção à saúde sexual dos adolescentes, de maneira contínua no ambiente escolar, a fim de

proporcionar a oportunidade destes jovens ressignificarem o conceito sexualidade. Para que isso ocorra, torna-se necessário um trabalho de capacitação contínuo de professores, que fomenta o preparo para abordagem da temática da sexualidade com os estudantes, de maneira contextualizada, visando trabalhar aspectos que ultrapassem a visão biológica. Por fim, pôde-se verificar a importância da realização atividades de educação sexual no ambiente escolar, com a utilização de métodos que privilegiam o aprendizado em grupo e a discussão de ideias, reforçando o papel da escola como espaço privilegiado para atividades de promoção da saúde.

Agradecimentos

Ao Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (PRÓ-SAÚDE) e ao Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta paul. Enferm**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: intersecção de políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 661-670, 2009.

AQUINO, C.; MARTELLI, A. C. Escola e educação sexual: uma relação necessária. In: *IX ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 2012, Caxias do Sul. **Anais...Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul**, 2012.

BARBOSA, S. M. *et al.* Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre a prevenção HIV/Aids. **Rev. Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 6, p. 1019-1024, 2008.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Interface Comun Saúde Educ**, Botucatu, v. 2, n. 2, p. 139-154, 1998.

BORGES, A. L. V.; FUJIMORI, E.; KUSCHNIR, M. C. C.; CHOFAKIAN, C. B. N.; MORAES, A. J. P.; AZEVEDO, G. D.; SANTOS, K. F.; VASCONCELLOS, M. T. L. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Rev Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 1, 1s, 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PENSE 2015**. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.

Revista Extensão em Foco, nº 14, Jul./ Dez. (2017), p. 115 - 130.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PENSE 2009**. Rio de Janeiro: IBGE; 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde Portaria Interministerial nº 421, de 3 de março de 2010. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) e dá outras providências. 2010. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 mar. 2010. p. 52-53.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Manual do multiplicador : adolescente / Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids**. Brasília : 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: 1998.436 p.

BRETAS, J. R. S. *et al.* Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009b.

BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 22, n. 6, p. 786-792, 2009a.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946, 2009.

CAMPANER, E. M. Gravidez na adolescência: uma abordagem pedagógica para uma informação educativa. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica**, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em: 29/09/2014. ISBN 978-85-8015-040-7.

CANÇADO, A. E. L. **Avaliação dos conhecimentos e conteúdos curriculares sobre sexo e sexualidade de adolescentes nas escolas públicas de Pitangui-MG**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CARLETO, A. P. *et al.* Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/Aids. **DST - J bras Doenças Sex Transm**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 206-211, 2010.

DOMINGUES, C. M. A. S.; ALVARENGA, A. T. Identidade e Sexualidade no Discurso Adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 32-68, 1997.

Revista Extensão em Foco, nº 14, Jul./ Dez. (2017), p. 115 - 130.

FAUSTINI, D. M. T. *et al.* Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 783-790, 2003.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2007.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto contexto – enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-357, 2010.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Situação da população mundial 2013**. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/EN-SWOP2013-Report-Final.pdf>>. Acesso em: 25/09/2014.

GERHARDT, C. R.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N. Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 12, p. 257-270, 2008.

GONÇALVES R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS, Tirol**, v. 5, p. 251-263, 2013.

GUIMARAES, E. A.; WITTER, G. P. Gravidez na adolescência: conhecimentos e prevenção entre jovens. **Bol. - Acad. Paul. Psicol**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 167-180, 2007.

JEOLAS, L. S.; FERRARI, R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 611-620, 2003.

MACEDO, S. R. H. *et al.* Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103-109, 2013.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 33, p. 95-118, 2011.

MARTINS, C. B. G. *et al.* O adolescer e a sexualidade: o conhecimento sobre o próprio corpo. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 38, n. 2, p. 370-386, 2014.

OLIVEIRA, D. C. *et al.* Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das Dst/Hiv/Aids em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Esc Anna Nery Revista Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 833-834, 2009.

ROMERO, K. T. *et al.* O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. **Rev. Assoc. Med. Bras**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 14-19, 2007.

Revista Extensão em Foco, nº 14, Jul./ Dez. (2017), p. 115 - 130.

UNAIDS. Focus-HIV and young people: the threat for today's youth. In: ***Report on the global AIDS epidemic 2004***. Disponível em: <http://www.unaids.org/sites/default/files/en/media/unaids/contentassets/documents/unaidspublication/2004/GAR2004_en.pdf>. Acesso em: 17 de dezembro de 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Nutrition in adolescence: issues and challenges for the health sector: issues in adolescent health and development. WHO Library Cataloguing-in-Publication Data. 2005.